

BELO MONTE RESISTE

José Calasans

Desde a publicação de Os Sertões, de Euclides da Cunha, em 1902, a história da Guerra de Canudos tem sido permanentemente revirada e revisionada. Muitas informações julgadas corretas foram desatualizadas à medida que a versão oficial foi sendo confrontada com o depoimento dos sobreviventes do "povo do Conselheiro" – ou seus descendentes. Porém, Canudos não é um tema que se esgota. Pela complexidade desta guerra única entre o Estado e uma comunidade civil brasileira, no Sertão da Bahia, nos estertores do Século passado, a verdade ainda não é definitiva. Canudos destruída parece, na eternidade da história, cada vez mais viva.

CANUDOS ANTES DO CONSELHEIRO

Ao contrário do que se diz, Canudos, que o Conselheiro rebatizou de Belo Monte, não era uma fazenda abandonada quando ali chegou Antonio Vicente Mendes Maciel. Era um município favorecido geograficamente, porque ali passavam diversas estradas: a Estrada de Uauá, que ia para o Rio São Francisco, para os lados. de Juazeiro; a Estrada do Cambaio, que se ligava à Monte Santo; a Estrada do Rosário, que ia para o Cumbe, hoje. Euclides da Cunha; a Estrada Sagrada, que tinha ligação com Massacará; a Estrada de Jeremoabo, que ligava o interior de Sergipe ao Sertão do Vaza-Barris. A Estrada Várzea da Ema; que trazia o povo de Curaçá e região. Canudos portanto era um ponto de passagem para aqueles que se deslocavam do Sertão para o Alto Sertão. Ponto de pousada, um entroncamento. Ao lado deste povoado, na margem direita do Vaza-Barris havia uma Fazenda chamada Canudos, que ficou abandonada no começo da guerra.

O CONSELHEIRO CONHECIA CANUDOS

O Conselheiro passou por Canudos mais de uma vez quando vinha de Chorrochó, onde ele havia construído uma Igreja, e se dirigia para Monte Santo, cujas capelinhas recuperou. Conta um velho de Canudos que numa dessas caminhadas, o Conselheiro chegou a uma roça de Joaquim Macambira, onde perguntou se não havia por ali um lugar onde ele pudesse rezar o terço do fim da tarde. Macambira levou o Conselheiro ao povoado, onde já existia uma capelinha sob invocação de N. Senhora da Conceição. Aí vivia como a figura principal do lugar, Antonio da Mota, um homem de alguns recursos e que o Pedrão me disse que era um negociante de couro de bode e de balcão, com uma loja de miudezas. O Conselheiro prometeu que construiria uma capela maior, que foi a Capela de Santo Antonio, que ficou na história como a Igreja Velha. Essa igreja já estava concluída em 1896. Há no IGHB uma carta autógrafa de Antonio Conselheiro ao beato Paulo José da Rosa, dizendo que ele não levasse os santos da capelinha primitiva para a Capela de Santo Antonio porque ela ainda não estava benzida.

PRIMEIRO INCIDENTE

Em abril de 1893 ocorria um movimento na localidade de Natuba, atual Soure, onde a gente do Conselheiro se envolveu. Daí ele ter sido perseguido por uma tropa da polícia baiana que o enfrentou em Masseté, em maio de 1893. Ao contrário do que Euclides da Cunha escreveu, penso que o Conselheiro não escolheu um lugar estratégico para se instalar. Ele iria para Canudos a fim de benzer a Igreja de Santo Antonio. Foi um acidente de percurso. Foi um incidente entre a polícia e os conselheiristas – que só vieram a ser tratados pejorativamente de jagunços quando o Conselheiro estava em Belo Monte, que era um ponto para onde convergiam pessoas de todos os lugares, inclusive das Lavras Diamantinas, onde a expressão jagunço era comum e designava o homem a serviço de um coronel e que combatia nas lutas da região. Então a tropa policial foi vencida, Conselheiro foi para Cumbe, onde estava no dia 02 de junho, e de lá tomou o caminho de Canudos .

LOUVOR A SANTO ANTONIO

Acredito que ele tivesse chegado em Canudos entre 9 ou 10 de junho, porque já no Monte Santo um jornalista que escrevia para o Diário de Notícias, num artigo de 11 de junho, noticiava que o Conselheiro e seus seguidores estavam em Canudos. Um velho da região dizia que Conselheiro entrou em Canudos no dia de Santo de Antonio. Ele era Antonio e talvez tivesse preparado um dos seus conselhos para este dia. E ficou na memória do informante que foi 13.

TROPAS FEDERAIS

O Governo do estado com a sua tropa derrotada pede auxílio ao governo federal e Floriano da Peixoto, que era vice-presidente em exercício, atendeu à solicitação do governo Rodrigues Lima e saíram de Salvador 80 praças de linha. Contudo, depois de muitas conferências, essa tropa, que chegou até Serrinha, recebeu ordens para voltar para Salvador. Houve uma reunião no Palácio e foram apresentados dois aspectos para o recuo: primeiro que as notícias que chegavam é que estava aumentando extraordinariamente o número de acompanhantes do Conselheiro, e que poderia acontecer com os 80 soldados o mesmo que aconteceu antes com os policiais baianos. E também algumas vozes de Salvador defendiam a tese de que era desumano mandar matar mulheres, crianças e velhos, que constituíam o grande acompanhamento do Conselheiro. A tropa retirou-se e, daí por diante, o noticiário sobre Canudos começou a crescer. Ainda que como assunto mais estadual que federal.

POVO DO CONSELHEIRO

A gente do Conselheiro era formada em parte por uma população ali existente. E a prova de que existia uma localidade habitada é que antes de Antonio Conselheiro houve lá uma Santa Missão. A este povo da terra somam-se as pessoas, que

chegam com o Conselheiro – chamadas de o "povo da companhia". De Canudos seriam Antonio da Mota e seus parentes; Joaquim Macambira – dono de uma pequena propriedade e de uma loja em Canudos; a família do Siríaco. Há os "estrangeiros" que chegam e ganham importância histórica, como João Abade – comandante do povo, líder da guarda que o Conselheiro organizou. A propósito da Guarda Católica, o Conselheiro disse ao frade da Missão, João Evangelista, que 'tenho essa gente armada porque o governo quis me matar'.

Um outro homem que veio com Conselheiro foi José Félix, o Taramela. Esse homem sobreviveu à guerra, fugiu, voltou para sua cidade natal, Natuba, onde viveu muitos anos. Era ele o homem de grande imaginação para narrar os milagres do Conselheiro. Dizia que vinha uma estrela do céu pegava o Conselheiro e o levava para tomar as decisões lá do alto. Daí foi chegando gente de todos os pontos do chamado sertão do Conselheiro – um trecho que ia do Norte, no Vaza-Barris, ao Sul, no Itapicuru. Foi nesse território que o Conselheiro, durante muitos anos, peregrinou , pregou e deu conselhos.

FAMÍLIA DE POSSES

Honório Vilanova foi o homem mais velho – 104 anos – com quem eu conversei. Ele disse-me que estava no Ceará quando Antonio Vicente apareceu lá, em 1873. Cearense, Conselheiro foi de uma família de recursos – o pai dele Vicente Mendes Maciel era um comerciante próspero. Para se ter uma ideia disso, a loja que ele possuía tinha cinco portas e também era construtor de casas em Quixeramobim. Conselheiro teve vida de menino remediado, pôde estudar os cursos de ler, escrever e contar, com direito a um professor de latim. Nos seus conselhos, ele jogava umas frases latinas. Um escritor baiano dizia que ele soltava verdadeiras silabadas na língua de Horácio. Quando o pai morreu, ele assumiu os negócios. Mas a situação já era muito desastrosa. O pai bebia muito e jogava e, ao morrer, deixou a casa hipotecada e muitas dívidas. Conselheiro perdeu a casa, casou-se com uma parenta e deixou Quixeramobim para perambular pelo Ceará. Foi rábula,

segundo documentos em cartórios, e professor num lugar chamado Fazenda Tigre.

CONSELHEIRO, MATRICIDA

À época da Guerra de Canudos, espalharam boatos de que ele tinha matado a mãe e a mulher. Não é verdade. Quando a mãe dele, chamada Maria Xana, morreu, Conselheiro ainda não tinha feito cinco anos. O pai casou-se pela segunda vez. Desabafo de Conselheiro para Vilanova: "Como eu poderia ter matado minha mãe, se eu fui maltratado pela minha madrasta?". A lenda popular, contudo, atizada pelo Governo, que queria transformar Conselheiro em um facínora, é de que o líder de Belo Monte foi um matricida.

Conselheiro separou-se da mulher e tornou-se beato. Ainda em 1871 ele estava em Quixeramobim, onde teve os seus bens penhorados. Até aí então era uma pessoa integrada à sociedade. Depois de 1871, só se vai ter notícia dele em 1873.

BEATO OU CONSELHEIRO

Beato tira reza, arranja até dinheiro para a igreja, mas não se comunica. Conselheiro deve ser uma pessoa de nível intelectual mais elevado e pode dar conselho. Supunha, como toda gente, que conselheiro era um apelido pessoal. Contudo, verifiquei a existência de "conselheiros". Havia em Pernambuco o Conselheiro Guedes. Também aqui na Bahia, na região de Itiúba, existia o Conselheiro Francisco, que fez a primeira capela do Quijingue.

Um padre do Sertão, Heitor Araújo, escreveu um livro chamado *Vinte Anos de Sertão*, onde conta que alguns beatos se transformam em conselheiros. Nos arquivos da Arquidiocese do Salvador há uma documentação muito importante a esse respeito. Um conselheiro se ofereceu ao padre da freguesia do São José dos Araçás prometendo terminar um cemitério se lhe permitissem pregar. No

despacho, a Arquidiocese diz que ninguém pode, senão o vigário, dar as suas pregações.

INDÚSTRIA DO BATISMO

Antonio Conselheiro gostava muito de batizado. Alguns padres o apoiavam por causa da fêria que obtinham com os batizados. Na igreja de Itapicuru há uma série de batizados feitos pelo padre Agripino Borges, onde o Conselheiro aparece como padrinho. A madrinha sempre é Nossa Senhora. Lá no Cumbe, o padre Sabino batizava também. No entanto, a primeira reação no Sertão contra o Conselheiro partiu dos vigários, porque em pouco tempo ele adquiriu uma autoridade maior que a do pároco. Portanto, o primeiro choque do Conselheiro não foi com os proprietários de terras, foi com o vigariato. Pelo batismo, descobre-se outro aspecto interessante de Canudos, que é o compadrio. No Sertão, uma sociedade tradicional, padrinhos são outros pais. Quando você entrega seu filho para alguém batizar, aquela pessoa vai ser o outro pai. Então cria-se um compromisso do padrinho com o afilhado; do afilhado com o padrinho; do compadre com o compadre; do compadre com a comadre; da comadre com a comadre etc. Toda a gente em Canudos, ou por onde o Conselheiro passou, que possuía filhos, tinha-o como padrinho ou compadre. E aí também deve ter gerado um conflito com os poderosos, porque há uma relação enorme de batizados em que o Conselheiro predomina, onde raramente aparecia uma figura importante da localidade.

GENTE TREZE DE MAIO

A propósito, a questão agrária em Canudos se dá não pela posse da terra, mas por causa da mão-de-obra. O exescravo não queria ficar na fazenda para acompanhar o Conselheiro. O Barão de Jeremoabo, que era um grande proprietário e um chefe político de grande prestígio, se fez um intérprete dos proprietários que reclamavam por causa da evasão da mão-de-obra. Ele chega a dizer, numa carta, que aquele povo que segue o Conselheiro é "gente 13 de

maio". Embora não se pudesse provar que a maioria dos conselheiristas são escravos, observa-se o seguinte: nas notícias da Guerra, o número de seguidores e fiéis do Conselheiro vai crescendo depois da Lei Áurea. Sabe-se também que em Canudos não havia o problema do latifúndio. As pessoas iam chegando e se apossando das roças. Porque não eram só os pobres que estavam ali, havia também comerciantes, pequenos roceiros que deixavam tudo e iam seguir o Conselheiro.

UM HOMEM BIBLADO

Há um depoimento muito importante de Jenes Martins Fontes, que era Juiz de Direito de Queimadas. Em dois artigos publicados em jornal, ele conta que era estudante quando, viajando para Sergipe, encontrou uma figura muito estranha, que achou um idiota, dizendo uma porção de coisas. Mas, anos depois, voltou a encontrar o Conselheiro que "já tinha um olhar de comando e falava com desembaraço". E isso era perfeitamente explicável, pois ele era uma pessoa que desde 1874 lia direto a Bíblia. Então ele que, a princípio, foi simplesmente um religioso, tornou-se, sem nenhuma formação teórica, o líder da comunidade, porque as pessoas iam para lá e tinham a certeza que encontrariam o mínimo para viver. Um sujeito de Masseté concedeu uma entrevista, dizendo que o Conselheiro era um 'Biblado', um homem que sabia a Bíblia e um pouco de latim, armas fundamentais para enfrentar os padres.

MERCADO CONSUMIDOR

Havia também muitos comerciantes em Canudos porque lá foi um bom mercado de consumo. Quando terminou a guerra era normal encontrar pessoas com 1 conto de Réis, que era muito dinheiro naquela época. Veja, por exemplo, que um boi custava 80 mil Réis. Quem tivesse um conto de Réis tinha uma boiada. Era uma mistura de brancos, negros e caboclos. Índios, também, de Mirandela e Rodelas. O Dr. Edgar Henrique Albertazzi conta em suas memórias manuscritas

que encontrou, na sua expedição a Canudos, corpos ao lado de arcos e flechas. O Barão de Jeremoabo disse que quando houve a luta tinha uma porção de índios.

SEGURANÇA NACIONAL

Acusavam o governador Luiz Viana de proteger os conselheiristas. Quando começou a guerra, a luta era realmente local, mas, depois do insucesso das primeiras expedições, tornou-se caso de segurança nacional. Os florianistas, que estavam em oposição a Prudente de Moraes, começaram a chamar de fraco o governo e ainda atrelado à Monarquia. O Exército não tinha preparo nenhum para esse tipo de guerra, então o que se dizia era que a Inglaterra, para restaurar a monarquia, estava amparando Canudos, porque os canudenses tinham armas que o Exército Brasileiro não possuía.

BAHIA MONARQUISTA

A Imprensa sulista, na sua maioria já republicana, publicava que a Bahia era monarquista. Houve a necessidade de os jornais da Bahia, orientados pelo Severino Vieira, redigirem uma declaração ao País, dizendo que a Bahia não era monarquista. Os estudantes da Faculdade de Direito Medicina e Engenharia publicaram um manifesto aos colegas do Brasil, negando que a Bahia fosse uma base de resistência monárquica. A associação entre Canudos e a Monarquia foi muito por causa da reação dos padres, que acabaram influenciando o próprio Conselheiro. Sim, porque o vigário, antes da separação entre Estado e Igreja, com o advento da República, era um homem poderoso, o único capaz de enfrentar o coronel.

COBERTURA NACIONAL

A Guerra de Canudos é o marco do jornalismo nacional. Pela primeira vez os jornais do Rio de Janeiro, de São Paulo e da Bahia mandavam seus

representantes para cobrir a guerra. As principais reportagens foram feitas *in loco*. O telégrafo já funcionava, a fotografia era uma realidade. Então tudo isso transformou o fato que seria um acontecimento local, em notícia nacional, a tal ponto de levar ao estrelato o militar/repórter Euclides da Cunha. Os principais jornalistas da época – Manuel Benício, do Rio de Janeiro, Lélis Piedade, da Bahia, e o próprio Euclides – foram destacados para cobrir Canudos. Os jornais baianos da época ostentavam a frase "A serviço da República". A história de Canudos sempre foi a versão oficial. Mesmo em Euclides da Cunha, que ignorou, por exemplo, os ex-escravos que seguiam o Conselheiro. O general Abílio de Noronha, que escreveu uma espécie de memória da Guerra, era o secretário de Artur Oscar – portanto um homem muito bem informado – também omitiu deliberadamente informações sobre Canudos. Somente por ocasião do cinquentenário da guerra, o jornalista Odorico Tavares, do Diário de Notícias, faz uma série de reportagens sobre Canudos, ouvindo pela primeira vez, através de entrevistas com uma porção de sobreviventes, a versão dos derrotados.

EUCLIDES DA CUNHA

Canudos era tratado como um capítulo na vida de Euclides da Cunha. Durante a primeira metade do Século, há um grande número de estudos sobre a vida de Euclides, enquanto Canudos era somente coadjuvante. Euclides escreveu cinco anos após a guerra. O Manuel Benício, por exemplo, conta melhor a batalha, mas o que imortalizou a obra euclidiana foi ele ter valorizado todo um contexto. Euclides deu as bases para uma sociologia brasileira e colocou, definitivamente, o Sertão na história do Brasil. Os *Sertões* é um documento valiosíssimo, porque Canudos é hoje o grande objeto de estudo no mundo inteiro.

VERSÃO DOS PERDEDORES

Sobreviventes de Canudos não há mais. Três homens do Sertão, que são da segunda geração, loiô da Profecia, João de Régis e Paulo Monteiro, contam a

história da vida cotidiana de Canudos, à época do Conselheiro, com uma precisão impressionante. A revisão da história de Canudos é com base na memória do sertanejo. Euclides da Cunha, que representava os soldados, não ouviu o outro lado da contenda.

CONSELHEIRO CRIPTO-COMUNISTA

Houve uma corrente, chefiada pelo Edmundo Muniz (*Canudos, Guerra Social*) que chega a dizer que o Conselheiro lia Thomas Morus. Nada. Conselheiro conhecia era a Bíblia e o livro Missão Abreviada. A Bíblia pode ser interpretada inclusive pela visão socialista, mas o Conselheiro incomodou a chamada classe dominante, que acabou considerando-o um inimigo, mais porque deu esperança a um povo que nada tinha .

QUESTÃO POLÍTICA

Canudos foi uma questão religiosa, depois passou a ser econômico-capitalista, depois política. Conselheiro chegou até a chamar Rui Barbosa de "o homem das trevas", porque este fez o Casamento Civil, a separação da Igreja e do Estado, derrubou a Monarquia, implantou o Registro Civil. Muitas mudanças de uma só vez. Ninguém pode esquecer que houve uma revolução no Nordeste, chamada de Quebra-Quilo, por causa da mudança do sistema de pesos e medidas. O que fortaleceu muito a união em torno do Conselheiro foi a seca terrível de 77. Além de cemitérios e capelas, ele fazia tanques de captação d'água.

LÍDERES EM FUGA

As estradas só foram fechadas na véspera da batalha. Os próprios soldados ajudavam as pessoas a escapar. E todos os grandes chefes conselheiristas escaparam. Honório Vilanova e seu irmão, Pedro, mulheres e filhos, saíram todos antes da Guerra e foram para o Ceará. Pedrão e Taramela também foram embora.

O objetivo da Guerra era ter à cabeça do Conselheiro. Ioiô da Profecia conta que conheceu Francisco, um dos que enterraram o Conselheiro. Antes, esperaram três dias para ele ressuscitar. Terminada a guerra, o governo tinha medo que se espalhasse a notícia que o Conselheiro havia ressuscitado, por isso a fotografia da cabeça cortada. Nina Rodrigues autopsiou e escreveu um artigo para uma revista francesa, onde afirmou que Antonio Conselheiro era um caso de psiquiatria. Baseado em teorias de Lombroso, Nina especulava que o cérebro de Conselheiro era anormal. Feito o exame legal, nada se provou.

PILHAGEM OFICIAL

Os soldados estavam doidos que aquela guerra acabasse logo. Houve momentos em que os soldados sofreram mais do que os jagunços. Porque, não tinham água e o fraco serviço de abastecimento do Exército só se fez, mesmo, depois que chegou o Ministro da Guerra, o Marechal Machado Bittencourt. O Exército vivia do abate de animais apropriados dos fazendeiros. No pós-guerra é interessante notar que os fazendeiros reclamaram que "não foram os jagunços que nos causaram prejuízo, mas sim o Exército".

ATENTADO PRESIDENCIAL

O único atentado contra um Presidente da República no Brasil foi contra Prudente de Moraes, e foi praticado exatamente por um membro das milícias que foram a Canudos e era um florianista exaltado.

CONSELHEIRO X PE. CÍCERO

Não se pode comparar o Conselheiro com o Padre Cícero, porque o Conselheiro se fez por ele mesmo, enquanto o Pe. Cícero possuía uma autoridade definida, com a estrutura própria da Igreja. Era um padre que se meteu com a política e ajudou muito os políticos. Já o Conselheiro encarna a resistência do sertanejo.

Porque é uma resistência impressionante, o maior acontecimento na história da República.

SERTÃO FORTE

O sertão tem uma força muito grande para transformar as pessoas. E parece bem claro que o Conselheiro era um beato, mas que, vivendo o drama sertanejo, tornou-se um líder social. O próprio Euclides foi para lá com um pensamento e o modificou, porque quem lê os artigos de Euclides antes da Guerra e lê *Os Sertões* percebe sua guinada para o social. Aliás, em depoimento, disse que a transformação dele foi imensa após Canudos.

PARA SEMPRE

Não há nenhum fato da História do Brasil que, presentemente, tenha a repercussão de Canudos. Das guerras do Duque de Caxias ninguém fala mais, porque você encontra na correspondência militar da época indícios de inverdades históricas. Já o Conselheiro continua a despertar o mundo. O escritor peruano Mario Vargas Llosa escreveu um belíssimo romance – *A Guerra do Fim do Mundo*. Conversamos sobre o tema, ele foi ao Sertão baiano, acompanhado de Renato Ferraz, e escreveu uma obra que inseriu definitivamente a saga de Canudos e Antonio Conselheiro na literatura universal.

RESUMO BIBLIOGRÁFICO

Um dos maiores estudiosos da Guerra de Canudos, o professor José Calazans Brandão da Silva nasceu em Aracaju, Sergipe, no dia 14 de julho de 1915. Foi idealizador e criador do Núcleo Sertão, que integra o Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia. O Núcleo é o centro de pesquisa que reúne o maior patrimônio documental sobre Canudos, o qual custodia sua coleção particular e parte do seu arquivo.

José Calazans começou sua carreira universitária em 1949, onde chegou ao ápice de Professor Emérito. Foi vice-Reitor da Universidade Federal da Bahia. Em 1993 recebeu o título de Doutor Honoris Causa, pela Universidade Federal de Sergipe.

Diretor do Departamento de Estudos e Publicações do Museu Eugênio Teixeira Leal, Calazans também ocupou as presidências do Instituto Geográfico e Histórico de Sergipe, da Academia de Letras da Bahia, e do Conselho de Cultura do Estado da Bahia.

Entre as suas principais publicações estão: Cachaça, moça branca; No tempo de Antônio Conselheiro, Antônio Conselheiro e a escravidão, O folclore da Independência; A Revolução de 30 na Bahia; Canudos na literatura de cordel e Canudos não euclidiano.

